VANGUARDA OPERÁRIA

Liga Quarta-Internacionalista do Brasil, seção da Liga pela IV Internacional

Suplemento especial **outubro de 2026**

A lição de toda a história: amarrar os trabalhadores à política burguesa leva à derrota sangrenta

Eleições 2026:
Pela mobilização operária para esmagar a ameaça militar/policial

Ao defender o capital, Lula abre caminho para Bolsonaro

Voto nulo nas urnas – luta classista na rua!

A eleição presidencial de 2026, cujo segundo turno ocorre neste domingo, 25 de outubro, será uma das mais expressivas desde o início da nova república, em 1985. Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), concorre à reeleição para um quarto mandato como candidato da Frente Ampla, uma aliança de colaboração de classes, ao lado de seu vice-presidente, Geraldo Alckmin, conhecido como um político de "centro-direita" burguesa pró-empresarial com laços profundos com a elite capitalista do Brasil. Lula enfrenta Flávio Bolsonaro do Partido Liberal (PL), filho do ex-presidente Jair Bolsonaro, atualmente em prisão domiciliar por sua tentativa de golpe de Estado em janeiro de 2023 para se manter no poder. O clã Bolsonaro é estreitamente identificado com a ditadura militar que governou o Brasil com mão de ferro por duas décadas a partir de 1964.

Portanto há duas chapas, ambas defendendo os interesses do capital em vez dos interesses do povo trabalhador, embora de maneiras diferentes. Lula e sua "frente popular"[1] são especialistas em trair e enterrar as lutas dos oprimidos, incluindo as dos povos indígenas que enfrentam ameaças existenciais, o que significa abrir caminho para que Bolsonaro (pai e filho) recorram ao punho de ferro dos militares e da polícia para esmagá-las. (Da maneira similar, a frente popular de Salvador Allende no Chile abriu o caminho para o ditador Pinochet nos anos 70.) Para os trabalhadores com consciência de classe, os apelos para atar sua sorte ao apoio nas urnas para c colaboração com a burguesia são um perigo mortal frente ao perigo de imposição de um regime "bonapartista"[2] militar/policial com repressão brutal. Esse perigo não será derrotado votando-se na Frente Ampla burguesa nas eleições. Para esmagar a ameaça de um regime de estado policial, precisa-se mobilizar o poder da classe trabalhadora na rua. A frente popular será um obstáculo para isso. Não nos esqueçamos de que em 2014 Lula enviou tropas das Forças Armadas, Policia Federal e outros para ocupar e reprimir as favelas do Rio para a Copa do Mundo.

Os resultados do primeiro turno das eleições, em 4 de outubro, em que Flávio Bolsonaro obteve 47% dos votos para a presidência, enquanto Lula ficou com 45%, provocaram um choque na sociedade. Embora o apoio ao atual governo estivesse em declínio, poucos no entorno de Lula esperavam que ele ficasse atrás daquele Bolsonaro de segunda. O resultado inesperado teve um efeito desmoralizante sobre muitos *lulistas*, mas serviu também como sinal de alerta. Embora a campanha de Bolsonaro tivesse dominado as redes sociais, nos dois dias após a votação o canal do WhatsApp "Exército de Lula" passou de 50 mil para 1 milhão de membros (e, em 23 de outubro, chegou a 9,7 milhões). Em 11 de outubro, a campanha de Lula levou um milhão de pessoas às ruas, com centenas de milhares na Avenida Paulista, em São Paulo — uma das maiores manifestações já realizadas nesse barômetro tradicional do poder de mobilização.

O fascistóide Flávio Bolsonaro, assim como seu pai, é um representante direto dos setores mais reacionários da burguesia. Ele mantém laços estreitos com as milícias que dominam muitas das favelas empobrecidas do Rio de Janeiro e de outras regiões. Esses grupos paramilitares, compostos principalmente por policiais e bombeiros fora de serviço, disputam o controle do território com os traficantes, como o PCC (Primeiro Comando da Capital) e o Comando Vermelho. Bolsonaro também recebeu o apoio da FIESP, os capitalistas industriais de São Paulo. E conta com o apoio do presidente dos EUA, Donald Trump, que declarou seu resultado no primeiro turno como "uma grande vitória". No ano passado, Trump impôs tarifas de 50% sobre o Brasil, exigindo que Lula libertasse o golpista Jair Bolsonaro. E há também relatos de que dinheiro dos EUA estaria indo para a campanha de Bolsonaro Júnior por meio da Rockbridge Network, financiada por bilionários da Big Tech do Vale do Silício.



Homero Sergio/Agência Folha

Operários contra a repressão militar. Greve na CSN derrota ocupação do exército, novembro de 1988

[1] As "frentes populares" foram formadas na década de 1930 com o objetivo de acorrentar os partidos operários a "aliados" burgueses que controlariam qualquer impulso para a luta operária radical, atuando, assim, como obstáculos à revolução na França e na Espanha, mais tarde no Chile, entre 1970 e 1973, e, posteriormente, em muitos outros países, incluindo o Brasil desde 1998.

[2] O "bonapartismo" refere-se à análise de Karl Marx sobre o regime de Luís Napoleão (sobrinho de Napoleão Bonaparte) que, após ter sido eleito presidente da França em 1848, encenou, em 1852, o que hoje seria chamado de "autogolpe" para instaurar uma ditadura (o Segundo Império) que perdurou até ser derrubado pela revolução em 1870.

Forjar um partido operário revolucionário para lutar por um governo operário e camponês

reproduzido por trabalho voluntário

Lula, por outro lado, é o candidato de uma aliança, a Frente Ampla, que une o PT, um partido operário reformista, a setores da burguesia, assim como fizeram as "frentes populares" da década de 1930 (França, Espanha) e da década de 1970 (Chile). Essas coligações eleitorais colaboracionistas de classe são formações burguesas, nas quais até mesmo os menores partidos burgueses servem como garantias de que a coalizão não transgredirá os limites do capitalismo. Nas eleições de 2026, Lula não está apenas aliado a Alckmin (ex-líder do PSDB, na época o principal partido capitalista de "centro-direita"), mas também ao PSB (Partido Socialista Brasileiro), ao PDT (Partido Democrático do Trabalho), o ambientalista REDE e o Partido Verde, todos partidos burgueses menores, juntamente com o PCdoB (Partido Comunista do Brasil) e o PSOL (Partido do Socialismo e da Liberdade), ambos partidos social-democratas reformistas.

O princípio fundamental de todos os comunistas genuínos é lutar pela independência política da classe trabalhadora, traçar a linha de classe ao recusar-se a votar em qualquer partido, coalizão ou candidato burguês. Como escreveu Karl Marx em 1871: "O partido dos trabalhadores nunca deve ser o rabo de qualquer partido burguês" ("A propósito da ação política da classe trabalhadora"). É exatamente isso que a formação de uma frente popular nega, por mais "ampla" que seja. Tais frentes servem como um obstáculo à revolução e freiam as lutas radicais dos trabalhadores. No poder, as frentes populares podem promulgar algumas reformas secundárias, mas, ao bloquear quaisquer medidas que possam ameaçar o domínio do capital, elas servem para desmobilizar e desmoralizar os trabalhadores. No Brasil, como o PT sempre buscou "parceiros" burgueses, foi exatamente isso que aconteceu.

Assim, o papel da Frente Ampla de Lula e de suas antecessoras, como a Frente Popular Brasil, o Brasil da Esperança etc., tem sido agir como coveiro das lutas operárias e bombeiro para apagar as chamas da revolução. O papel de Bolsonaro é ser o carrasco, o executor. Entre o executor e o coveiro há uma diferença, mas nenhum dos dois é um aliado político. Podemos, e devemos, lutar nas ruas e nas barricadas ao lado das massas *lulistas*, mas devemos fazê-lo mantendo a independência política da classe operária e lutando por um governo operário e camponês revolucionário, *não* para colocar a Frente Ampla no poder novamente. Os governos de Lula (e de sua sucessora, Dilma Rousseff) limitaram-se a programas assistencialistas para os mais pobres, como o Bolsa Família e o Bolsa Escola. No entanto, o nível de vida dos trabalhadores piorou drasticamente, e a decepção profunda entre a classe operária tem alimentado o apoio a Bolsonaro.

Entre as ameaças citadas para justificar o voto em Lula, a interferência de Washington nas eleições brasileiras é evidente. Todos sabem que a Casa Branca apoia Bolsonaro, cujo pai é frequentemente chamado de "Trump dos trópicos". Além das tarifas punitivas que vão e vêm, há a designação feita por Trump do PCC e do Comando Vermelho como organizações "terroristas" (após uma visita à Casa Branca de Flávio Bolsonaro e seu irmão Eduardo), o que poderia abrir caminho para esquadrões da morte e intervenção militar direta dos EUA. A plataforma de mídia social Meta (Facebook, WhatsApp) admitiu que seus algoritmos restringiram o acesso à campanha de Lula, alegando "incidentes técnicos". E Trump está exigindo o controle dos recursos de terras raras do Brasil. Mas não espere uma atuação anti-imperialista de Lula: em abril, seu governo aprovou a compra da única mina de terras raras em operação no Brasil, a Serra Verde, pela USA Rare Earth.



Os laços do clã Bolsonaro com a milícia que disputa controle dos morros e favelas no Rio de Janeiro são bem conhecidos, até com um dirigente da milícia Escritório do Crime, suspeita no assassinato de Marielle Franco em março de 2018.

A ameaça da imposição de um regime de estado policial também é bastante real. Após uma visita a El Salvador, Flávio Bolsonaro adotou uma plataforma defendendo megaprisões de segurança máxima, como as do ditador de pacotilha Nayib Bukele. E, em 13 de outubro, acrescentou: "Estou achando que El Salvador é pouco". Além disso, ele mantém laços de longa data com as milícias que impõem um controle de mão de ferro nas favelas e nos morros do Rio, reduto do clã Bolsonaro. Durante a campanha, Flávio reiterou seus elogios ao líder de milícia Adriano da Nóbrega, membro da milícia "Escritório do Crime", suspeito de envolvimento no assassinato da vereadora de esquerda do Rio de Janeiro, Marielle Franco, e afirmou que as milícias proporcionavam "segurança" aos moradores, quando, na verdade, são notórias por extorquir a população. Não pode ser por acaso que, nas zonas do Rio controladas pelas milícias, 86% votaram em Bolsonaro no primeiro turno.

E o clima político atual é certamente mais favorável à instalação de um regime militar / policial bonapartista do que em 2022-23, quando Bolsonaro pai tentou seu golpe. Isso incluía planos detalhados para sequestrar ou assassinar o ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes e o presidente eleito Lula, mas foi cancelado quando os comandantes do Exército e da Força Aérea se recusaram a cooperar, possivelmente devido à pressão do governo Biden. O atual governo dos EUA certamente fará de tudo para colocar Bolsonaro Júnior no Palácio do Planalto, mesmo que por meios extralegais. Isso tornaria o Brasil o oitavo país a instalar um presidente de extrema direita desde que Trump assumiu o cargo em janeiro de 2025, em quase todos os casos com intervenção direta de Washington. E um regime fascistóide de Bolsonaro aderiria ao "Escudo das Américas", patrocinado por Trump, juntando-se a Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador, El Salvador, Honduras, Peru e outros lacaios de Trump.

As Forças Armadas estão prontas para agir. O comandante da Força Aérea, Marcelo Kanitz Damasceno, e o general do Exército (ret.) Augusto Heleno, em prisão domiciliar pelo golpe fracassado de 2022-23, já estão selecionando altos oficiais das Forças Armadas e da polícia para um novo governo Bolsonaro. Entre eles está Alexandre Ramagem, que fugiu para os EUA para evitar cumprir uma pena de 16 anos por seu papel na conspiração golpista, como chefe da Polícia Federal. Naturalmente, os golpistas esperam ser perdoados. Mas, afinal, tanto Kanitz Damasceno quanto Heleno foram nomeados para seus cargos por Lula (assim como Salvador Allende nomeou o general Augusto Pinochet ministro da defesa poucos meses antes do sangrento golpe de Santiago do Chile, em 11 de setembro de 1973). Os governos de frente popular baseiam-se nos órgãos repressivos do estado capitalista e, novamente como Allende, Lula tentaria impedir mobilizações operárias potencialmente revolucionárias para bloquear um regime militar/policial.

Essas formações políticas burguesas também estão defendendo e dependendo de outro pilar da máquina estatal capitalista: o poder judiciário. Assim, quando Lula foi enviado à prisão por decisão judicial com base em acusações falsas na investigação de corrupção Operação Lava Jato — em uma manobra transparente para impedi-lo de concorrer (e provavelmente vencer) às eleições de 2018 que levaram Jair Bolsonaro ao poder —, o líder do PT se recusou a convocar seus apoiadores para as ruas. Mas então, em 2021, quando a burguesia precisou de Lula para conter os protestos contra Bolsonaro, o Supremo Tribunal Federal o libertou com base em um detalhe técnico. Agora, o ministro evangélico do STF André Medonça está tentando vincular Lula e o ministro de Moraes (que mandou os golpistas de Bolsonaro para a prisão) com duvidosas acusações de fraude, à liquidação do Banco Master, mesmo que o principal proprietário do banco, Daniel Vorcaro, tenha financiado Flávio Bolsonaro para produzir um filme biográfico ("Dark Horse") sobre seu pai. Isso é a Lava Jato II.

Diante da perspectiva ameaçadora de um regime bonapartista de Bolsonaro II e do envolvimento de setores-chave do aparato estatal e do imperialismo norte-americano na conspiração para instaurar um regime militar/policial, praticamente toda a esquerda está convocando o voto em Lula no segundo turno. Essa colaboração de classes só levará à derrota. Se Lula vencer, os partidos de esquerda que convocaram o voto nele serão responsáveis pelas ações de um novo governo da Frente Ampla para sabotar as lutas dos trabalhadores e implementar reformas antitrabalhistas de regimes de direita anteriores, como fez o atual governo. Se ele "perder" devido a manobras antidemocráticas da chapa de Bolsonaro, os trabalhadores serão frustrados pela submissão de Lula ao Estado capitalista, exatamente como em 2018. O que é necessário é a mobilização combativa do poder da classe trabalhadora, nas ruas e nas fábricas, em greves combativas como aquelas que derrubaram a ditadura militar, mas que têm sido extremamente raras desde então.

Para o PT, o PSOL e o PCdoB, é lógico que chamem para votar em Lula, já que são membros da coalizão da frente popular há pelo menos 20 anos. Outros, incluindo vários grupos que falsamente se dizem trotskistas, fazem de tudo para justificar esse oportunismo traidor. O Movimento Revolucionário dos Trabalhadores (MRT), seção brasileira da Corrente da Revolução Permanente (antiga Fração Trotskista), argumenta que, embora o governo Lula tenha desmoralizado os trabalhadores ao implementar "reformas" pró-capitalistas e anti-trabalhistas herdadas de governos anteriores, a aprovação pelo Senado da PEC que pôs fim à semana de trabalho de seis dias (escala 6 x 1) foi "uma vitória sobre o ceticismo que mostra que a extrema direita pode ser derrotada" (*Esquerda* Diário, 15 de outubro) e "uma vitória que revela a força social para enfrentar o bolsonarismo" (*Esquerda Diário*, 18 de outubro).

Mas o resultado final foi apenas uma semana de trabalho de 40 horas em cinco dias , comum em muitos países capitalistas, o que reduziu a proposta original de uma semana de trabalho de quatro dias (4 x 3), e Lula só decidiu levá-la adiante por motivos eleitorais, para ganhar apoio após sua derrota chocante em 4 de outubro. Enquanto isso, os apoiadores de Bolsonaro já têm projetos de lei para reverter essa reforma conquistada com tanto esforço. Assim, depois de convocar o apoio a candidatos "com independência da Frente Ampla e do regime"[3] no primeiro turno, qual é a consigna do MRT no segundo turno? Ele convoca a "Derrotar Flávio Bolsonaro!" e "Nenhum voto na extrema direita!"[4] Bem, isso não é difícil de perceber para qualquer leitor atento da imprensa de esquerda. Trata-se de um apelo envergonhado para votar em Lula e na Frente Ampla, sem ousar dizê-lo abertamente. E a razão para isso é que o MRT sabe muito bem que, ao dar apoio político a essa frente burguesa, está traindo o trotskismo.

A organização Brasil Comunista (BC), antiga Esquerda Marxista, que faz parte da Internacional Comunista Revolucionária de Alan Woods (a antiga Tendência Marxista Internacional após uma reformulação de imagem), apresenta uma posição ainda mais contorcida. Em uma matéria,[5] ela critica a esquerda por se referir incorretamente ao regime de Bolsonaro como "fascista" e discorre longamente sobre o conceito de Trotsky de bonapartismo como um regime de estado policial, sem dizer se é isso que o governo Bolsonaro II busca (o que de fato é). Em um artigo anterior, opina que Bolsonaro no poder desencadearia grandes confrontos de classe (o que é bastante provável), mas "Por isso, o pêndulo tende a virar-se de forma ainda mais intensa à esquerda no próximo período".[6] Mas se a esquerda não deve ser alarmista, se um regime de Bolsonaro não seria fascista (e nem sequer o denominam bonapartista), se o pêndulo está apenas oscilando para um lado e para outro, qual é a conclusão deles? O BC apela para "ajudar as camadas mais avançadas da classe trabalhadora a derrotar Flávio, seu inimigo mais perigoso, por meio do voto crítico em Lula".

Em outras palavras, o que esses *pseudo*-trotskistas estão fazendo é ceder ao sentimento dos trabalhadores, que estão aterrorizados com a perspectiva de um novo governo Bolsonaro, e usar isso para levá-las de volta aos braços da Frente Ampla Lula-Alckmin, cujo programa capitalista já abriu caminho para Bolsonaro . O que é necessário, pelo contrário, não é aderir a um digital "Exército do Lula" nas redes sociais, mas organizar o poder da classe trabalhadora. A Liga Quarta-Internacionalista do Brasil, seção da Liga pela Quarta Internacional, convoca a ***dar um voto nulo nas eleições*** e a ***formar comitês de trabalhadores nas fábricas***, ***conselhos de trabalhadores nas áreas industriais*** e ***comitês de defesa dos trabalhadores para enfrentar a ameaça de um regime de estado policial*.**

Acima de tudo, é necessário ***forjar um partido comunista genuinamente leninista*** com base no ***programa trotskista da revolução permanente***, e lutar por um ***governo operário e camponês*** para expropriar a burguesia e *estender a revolução socialista da América Latina até o coração do imperialismo.* ■

[3] Editorial do MRT, "Enfrentar a extrema direita, o imperialismo e todos os ataques com independência da Frente ampla e do regime", *Esquerda Diário*, 16 de setembro..

[4] Editorial do MRT, "Derrotar Flávio Bolsonaro! Fora Trump da América Latina! Nenhum voto na extrema direita! Construir a mobilização anti-imperialista," *Esquerda Diário*, 7 de outubro.

[5] Contra o alarmismo da esquerda: O que é e o que não é o fascismo", *Brasil Comunista*, 21 de outubro.

[6] O reformismo no banco dos réus nas eleições de 2026", *Brasil Comunista*, 1º de setembro.